

TRISTE FIM DE MENAUD MAÎTRE DRAVEUR E POLICARPO QUARESMA: NACIONALISMO E LOUCURA NA TRAJETÓRIA DE DOIS HERÓIS AMERICANOS.

Márcio de Oliveira Bahia

*Il fallut que Colomb partit avec des fous
pour découvrir l'Amérique. Et voyez comme
cette folie a pris corps, et duré¹.*
André Breton.

Costuma-se imaginar o nascimento do continente americano a partir do encontro do velho mundo europeu com o novo mundo recém-descoberto². A citação do trecho do poeta André Breton nos evoca a loucura de portugueses, franceses, espanhóis e ingleses, que, ao lançarem-se ao mar a serviço de suas respectivas coroas, tinham apenas a coragem necessária para enfrentar o desconhecido e o desejo de expandir seus impérios. O encontro traumático do velho e do novo mundo se deu por meio das armas e a construção imaginária das sociedades americanas passa a ser então necessariamente marcada pela traumática dinâmica do processo de colonização. Passados os séculos de extermínio e de dominação colonial política os povos americanos viram-se diante da difícil tarefa de construir identidades nacionais fundadas na aceitação ou na negação da identidade européia. Este embate identitário parece ser um traço comum a todos os povos americanos e marca profundamente as literaturas pós-coloniais dos mesmos. Inúmeras obras do norte ao sul das Américas ilustram o conflito vivido pelos povos de nosso continente no difícil caminho percorrido em busca de suas identidades.

Num exercício de comparativismo literário destacarei aqui duas obras que abordam de forma contundente as questões de identidade, nação, estado e sociedade no continente americano:

¹ Epígrafe do livro “*Salut Galarneau!*” de Jacques Godbout, clássico da literatura quebequense contemporânea.

² A oposição binária Europa-centro x América-periferia fica bem clara ao denominar-se o continente americano de “novo” mundo. Perpetua-se a idéia de que a América era então uma porção de terra encoberta/inexistente e que portanto só passaria a existir após a sua “descoberta” pelos europeus. Reforça-se assim a visão eurocêntrica do processo histórico que deu “origem” às Américas.

Triste Fim de Policarpo Quaresma de Lima Barreto e *Menaud: maître-draveur* do quebequense Félix-Antoine Savard. A escolha destes dois clássicos da literatura quebequense e brasileira, respectivamente, justifica-se não só pelas semelhanças na trajetória dos dois personagens principais (que são imensas como veremos), mas também pelas possibilidades de diálogo interamericano que se abrem a partir da análise destas obras.

Triste fim de Policarpo Quaresma conta a célebre história do Major Policarpo Quaresma, homem bom e íntegro, que é paulatinamente tomado por um gigantesco sentimento de nacionalismo. Apesar de publicado em 1915, a ação do romance se passa no final do século XIX, tempo da Presidência de Floriano Peixoto (1891-1894). É importante ressaltar a instabilidade do período: a República havia sido recentemente proclamada (1889), monarquistas ameaçavam retomar o poder e a legitimidade do governo republicano era fortemente contestada.

Menaud: maître-draveur, por sua vez, relata a luta de um homem, o velho Menaud, pela libertação e sobrevivência de seu povo, explorado pelos estrangeiros (pelos ingleses mais especificamente) que, através do poder do dinheiro, se apossam de boa parte do território que os ancestrais franceses haviam conquistado no Québec. Apesar de não haver anotações temporais no enredo, pode-se deduzir que a ação se passa após a crise econômica de 1929. Os anos 30 no Quebec são marcados pelo medo da rápida industrialização e urbanização que ameaçavam, segundo acreditava-se na época, a estabilidade e o equilíbrio da sociedade quebequense, até então fiéis ao passado e à tradição rural. Além disso, a sociedade do período sentia ainda os efeitos do grande êxodo do início do século quando milhões de quebequenses partiram em direção aos Estados Unidos, num grande fluxo migratório. É importante destacar que tanto Menaud quanto Policarpo viveram épocas conturbadas, e por isso mesmo (dentre outros fatores) propícias ao surgimento de conflitos relacionados às suas identidades e nações.

O presente artigo será dividido em três partes, seguindo os passos da trajetória de nacionalismo e loucura percorridos por nossos dois heróis.

Aversão, incompreensão e luta

A condição de dominação sofrida pelos dois personagens (cultural, no caso de Policarpo, e político-econômico, no caso de Menaud) faz surgir nestes uma profunda aversão pelo estrangeiro. Menaud começa sua história de aversão ao dominador ao ouvir sua filha ler trechos de *Maria Chapdelaine* de Louis Hémon, uma das obras fundadoras da literatura quebequense:

*“Nous sommes venus il y a trois cents ans et nous sommes restés...”
“Autour de nous des étrangers sont venus qu’il nous plaît d’appeler des barbares! Ils ont acquis presque tout le pouvoir! Ils ont acquis presque tout l’argent...”*³

As frases ouvidas por Menaud ressoam em sua mente, despertando nele um sentimento nacionalista, de descoberta do seu povo, da sua identidade e do seu país. Com fervor Menaud descobre que pertence a *“une race qui ne sait pas mourir”*⁴. Obviamente Menaud entende que a sobrevivência desta raça depende da luta a ser travada contra o colonizador.

Policarpo Quaresma também descobre sua nacionalidade através dos livros:

*“Quem examinasse vagarosamente aquela grande coleção de livros havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia a sua reunião.
Na ficção havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da Prosopopéia; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, O José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afirmar que nenhum dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major.”*⁵

³ HÉMON, Louis. *Maria Chapdelaine*. 8ª edição. Montreal: Maison d’édition Fides. 1976, p. 23.

⁴ *Ibid*, p. 25.

⁵ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 7ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 21.

É através dos livros que Menaud e Policarpo descobrem suas pátrias e começam a desenvolver um exacerbado nacionalismo em contraponto à perigosa presença do colonizador europeu. É a literatura, portanto, que cria a idéia de nação nos personagens e os faz querer lutar a favor de suas sociedades, contra a presença do colonizador. Já em um primeiro artigo tangente ao tema, exponho os mecanismos de intolerância e ódio que se desenvolvem decorrentes do processo de dominação entre povos⁶. Menaud e Policarpo apresentam os sintomas clássicos de aversão ao colonizador (no caso, o europeu) no qual a atitude do dominado é de extrema recusa e rechaçamento e onde o dominador constitui-se no inimigo a ser eliminado. É assim que as palavras de Hémon (*une race qui ne sait pas mourir...*) ecoam incessantemente na mente de Menaud, que desenvolve um sentimento de cólera, vergonha e indignação por trabalhar para os estrangeiros em seu próprio país. Menaud elege os “bárbaros” ingleses e seu representante (o Délié, quebequense traidor que “se vendeu” e representa os interesses estrangeiros), como seus maiores inimigos. Menaud pensa mesmo em eliminar o traidor, caso este se atreva a tentar desposar sua filha (a filha e o Délié, obviamente, são representações claras dos perigos que cercam a sociedade quebequense). Policarpo, por sua vez, tentando buscar o “apagamento ou superação da rasura imposta pela violência da colonização”⁷, ingenuamente tenta introduzir em seu meio hábitos e costumes anteriores à colonização européia. Em um determinado episódio, Policarpo recusa-se a apertar as mãos dos amigos (segundo o personagem, um costume que não é genuinamente nosso) que vêm, estupefatos, o major recebê-los chorando, berrando e arrancando os cabelos, como faziam os tupinambás.

⁶ BAHIA, Márcio. Os diálogos Brasil-Canadá face à influência cultural norte-americana: a terceira via. *Revista Interfaces*, Porto Alegre, Vol. 1 N^o 2, p. 95-105, 2002.

⁷ ÁVILA, Myriam. O encontro com o estrangeiro: uma tipologia. *Trocas Culturais na América Latina*. Belo Horizonte, p. 143-150, 2000.

Os episódios acima citados demonstram que os protagonistas dos dois romances sentem-se social, político e culturalmente deslocados dos seus territórios. Menaud não se sente dono do seu próprio trabalho (vendido aos estrangeiros) e Policarpo não se sente dono dos hábitos e costumes (extremamente europeizados) da sociedade em que vive. A colonização a qual os dois personagens são submetidos causa nos mesmos um sentimento de estranheza e os insere em um entre-lugar americano-europeu, ou melhor, um “deslugar” americano do qual Menaud e Policarpo, cada um a sua maneira, tentam desesperadamente escapar. A luta para escapar deste incômodo “deslugar” americano chega ao ápice, no caso de Menaud, quando este tenta organizar seus companheiros contra os ingleses e diante do insucesso da empreitada os acusa de covardes e traidores. Quanto ao outro personagem, transcrevo aqui um trecho do livro de Lima Barreto que ilustra as tentativas “quixotescas”⁸ de Policarpo de se encontrar em um lugar identitário mais seguro, um lugar mais “brasileiro” e menos europeu:

*“Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua [...] usando do direito que lhe confere a constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro.”*⁹

Obviamente as lutas travadas por Menaud e Policarpo são incompreendidas e seguidas do riso, do escárnio e da indiferença. Como resultado de seus fervorosos nacionalismos, os personagens se sentem impotentes e isolados, presos num abismo construído como consequência da busca por suas identidades.

⁸ BOSI, Alfredo. *O romance social: Lima Barreto*. 9ª edição, São Paulo, Editora Cultrix, 1981, p. 361.

⁹ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 7ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 48.

Obsessão, loucura e morte

Benedict Anderson em seu livro intitulado *Nação e Consciência Nacional* sublinha que “o ‘nacionalismo’ é a patologia da moderna história do desenvolvimento, tão inevitável quanto à ‘neurose’ do indivíduo, trazendo consigo muito da mesma ambigüidade essencial, uma capacidade implícita semelhante para degenerar em demência [...] e em grande medida incurável.”¹⁰ É justamente esta vertente “patológica” do nacionalismo que faz com que o fervor de Menaud e Policarpo torne-se obsessão, que posteriormente se transformará em loucura.

O caráter incurável do nacionalismo apontada por Anderson se mostra com toda a sua força quando Menaud e Policarpo impetuosamente tentam desafiar o poder constituído (explorando as montanhas e florestas sem autorização, no caso do primeiro, e criticando o tratamento dado aos prisioneiros de guerra, no caso do segundo. Episódios que os levam aos seus tristes fins de loucura e morte).

O inevitável triste fim de Policarpo, confinado ao degredo, esperando a morte após tanto amor e dedicação à pátria realça a melancólica poesia do seu desconcerto: “*Como acabarei? Como acabarei?*”¹¹. A realidade do fim da sua vida o faz até mesmo desconstruir sua noção de pátria. O narrador dá voz ao personagem que se interroga: “*o que vinha a ser a pátria? Não teria levado toda a sua vida norteado por uma ilusão, por uma idéia a menos, sem base, sem apoio, por um Deus ou uma deusa cujo império se esvaia?*”¹²

A loucura de Menaud, no final do romance de Savard, constitui-se também uma espécie de morte, já que a perda das faculdades intelectuais significa para ele o fim de suas atividades como cidadão e o fim do sonho de lutar pela sua raça. Deste modo o espectro da loucura e a

¹⁰ ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Editora Ática., 1983, p. 13-14.

¹¹ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 7ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 151.

¹² *Ibid*, p. 152.

inevitabilidade da morte se igualam, se equivalem e lançam sobre nossos dois heróis o peso de seus derradeiros combates.

Morte e esperança

Apesar do tom aparentemente pessimista observado no fim da jornada de Menaud e Policarpo, é possível vislumbrar a possibilidade de uma leitura mais positiva da sorte dos dois protagonistas. Olga, afilhada de Quaresma, nos momentos finais do romance, tenta salvar seu padrinho apelando para todos os antigos “amigos” do major, chegando a procurar o próprio Marechal Floriano Peixoto no intuito de salvar Policarpo da morte. Diante da recusa do marechal em recebê-la e percebendo a inutilidade de seus esforços, Olga começa a perceber o mundo de uma maneira diferente:

*Olhou o céu, os ares, as árvores de Santa Teresa, e se lembrou que, por estas terras, já tinham errado tribos selvagens, das quais um dos chefes se orgulhava de ter no sangue o sangue de dez mil inimigos. Fora há quatro séculos. Olhou de novo o céu, os ares, as árvores de Santa Teresa, as casas, as igrejas; viu os bondes passarem; uma locomotiva apitou; um carro, puxado por uma linda parelha atravessou-lhe na frente, quando já a entrar do campo... Tinha havido grandes e inúmeras modificações. Que fora aquele parque? Talvez um charco. Tinha havido grandes modificações nos aspectos, na fisionomia da terra, talvez no clima.... Esperemos mais, pensou ela; e seguiu serenamente [...]*¹³

A constatação de Olga de que todas as coisas mudam lança um feixe de esperança para o desfecho do romance. Ao confrontar o passado e o presente (ontem tribos selvagens, hoje bondes e locomotivas), a personagem descobre que o mundo que a cerca é passível de transformação. Surge a esperança de que estas inevitáveis transformações tragam dias melhores. O pensamento traz alento e conforto à Olga, que segue “serenamente”, certa da mudança do mundo e dos homens e talvez até mesmo do papel de seu padrinho nesta transformação.

¹³ *Ibid*, p. 158.

No desfecho do romance de Savard, Josime, um amigo de Menaud, constata a importância da loucura do protagonista: “*C’est pas une folie comme une autre! Ça me dit, a moi, que c’est un avertissement*”¹⁴. A loucura de Menaud passa a ser revestida de um propósito, de uma finalidade. É esta loucura que começa a despertar a consciência dos companheiros de Menaud para a emergência da luta pela sobrevivência da raça. Involuntariamente, Menaud alcança seu objetivo de advertir seu povo sobre os perigos que os cercam.

Deste modo, tanto a loucura de Menaud quanto a morte de Policarpo se inserem num sistema maior de transformações, de evolução das suas sociedades. Assim, a loucura e a morte passam a ser (ainda que involuntariamente) os instrumentos finais de nossos dois heróis para a realização das causas por eles abraçadas. Os destinos de Menaud e Policarpo servem como agentes de reflexão para pensarmos as problemáticas identitárias que se estabelecem a partir da realidade colonial das nações em que estes vivem.

Menaud e Policarpo: Um diálogo interamericano?

A enorme semelhança nas trajetórias dos dois protagonistas nos apontaria para a possibilidade de um diálogo interamericano? O passado colonial e as marcas deixadas pela colonização europeia não seriam traços comuns dos povos americanos e não seriam pontos de aproximação, de resgate para se descobrir uma América tão fortemente afastada após séculos de distanciamento histórico? E se Menaud e Policarpo retornassem hoje às suas sociedades? Como veriam as sociedades quebequense e brasileira do início do século XXI? Menaud certamente constataria com pesar que a sua nação ainda se debate com profundas e delicadas questões separatistas, mas descobriria com orgulho as enormes vitórias políticas, econômicas e sociais

¹⁴ SAVARD, Félix-Antoine. *Menaud Maître-Draveur*. Québec: Bibliothèque Québécoise, 1992

alcançadas por seu povo nas últimas décadas. Policarpo descobriria que o Brasil ainda enfrenta alguns dos grandes problemas políticos e sociais que tanto o afligiam, mas certamente sua “brasilidade” seria diferente. Afeito à leitura, intelectual autodidata, Policarpo encontraria em suas pesquisas as noções de mestiçagem e hibridização, tão fortes nos estudos interamericanos da atualidade. Menaud e Policarpo, talvez, se sentiriam mais confortáveis em suas *peles americanas* e (re)descobririam as nações mestiças e híbridas da qual fazem parte. Entenderiam, possivelmente, que a própria concepção da gênese das Américas é fundada na loucura, como muito bem aponta André Breton na epígrafe deste trabalho. E por isso mesmo todas estas descobertas talvez se estendessem a uma nova paixão: a de descobrir o continente em que vivem, descobrir não somente suas “nacionalidades”, mas também suas “americanidades”, descobrir outros povos que teriam passado pelos mesmos conflitos, pelas mesmas angústias e pelas mesmas buscas. O virtual encontro entre Menaud e Policarpo nos indica as imensas possibilidades de troca, de diálogo, de enriquecimento entre os povos quebequense e brasileiro, bem como entre todos os outros povos de nosso continente.

Apropriando-me das palavras do narrador de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, destaco um trecho da obra, capaz de descrever apaixonada e acertadamente nossos dois heróis americanos:

“É raro encontrar homens assim, mas os há e, quando se os encontra, mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem, e mais esperança na felicidade da raça.”¹⁵

Num elogio aos povos americanos, encerro aqui, ousando ainda estender um pouco mais tal apropriação, fazendo uma pequena, mas significativa modificação no texto de Lima Barreto:

¹⁵ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 7ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 158.

“É raro encontrar povos assim, mas os há e, quando se os encontra, mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem, e mais esperança na felicidade da raça.”